



A IMPORTÂNCIA DO NOÚMENO NA PRÁTICA HOMEOPÁTICA

Prof. Masi Elizalde

Palestra do Prof. Masi Elizalde, realizada em março de 2000, pelo IHJTK, por ocasião do evento "Homeopatia sem Fronteiras", no Rio de Janeiro com transcrição da Dra. Denise Lima.

Em todos esses anos estamos trabalhando para aqueles que gostariam de ser investigadores em Homeopatia e este é um grupo pequeno de pessoas. Uma grande quantidade de pessoas quer o peixe mas não que lhes ensinemos a pescar. Talvez tenha sido um erro estratégico. Existem pessoas que querem os resultados, apenas o resumo para que seja utilizado na prática. Entretanto, não podemos negar o que encontramos com nossas investigações.

Outro dia, chegou da França um caso clínico que me pareceu importante mencionar, porque vai diretamente à prática, isto é, vai mudar a nossa maneira de exercer a prática.

Estamos sempre esperando sintomas repertorizáveis para dar um remédio ao paciente.

Vamos de uma vez por todas começar a ouvir nossos pacientes quando nos falam do gênio de seu remédio.



O caso era de um homem mais velho, e a única coisa que faz o médico é sublinhar, “isto é difícil porque o duro, porque o que me custa”, claro, são obstáculos, tudo isso não está no repertório, porém, depois de haver estudado, de Ter estabelecido a hipótese de um medicamento, conclui o médico francês, “aqui não teria mesmo que repertorizar, um Senhor cujo leitmotiv de vida é o árduo, o difícil, o obstáculo, é *Verbascum*” e o resultado foi extraordinário. Temos que pensar que passamos de uma homeopatia para outra, do contrário, não tiramos proveito de todo este trabalho.

Querendo ou não, enfim, encontramos solução para algo que me desesperava quando era jovem. Passava uma noite repertorizando um caso e no dia seguinte dizia a meu pai: “esta paciente é *Sépia*”. Tem este sintoma, este e este. Repertorizei desta e desta maneira. Meu pai, que havia visto a paciente comigo me dizia: “Sim, tem os sintomas de *Sépia* mas não tem o gênio de *Sépia*, é outro medicamento”. O que era o gênio? Por Deus! E ele tinha razão, eu dava *Sépia* e não acontecia nada. Os antigos homeopatas, os intuitivos, captavam algo que estava por detrás do fenomenológico, se os sintomas estavam presentes, porque o remédio não dava resultado?

Porque havia outra coisa, que fazia cobrar uma significação distinta da sintomatologia e que havia que prescrever por isso. Com este trabalho estamos buscando o que os antigos chamavam de gênio do medicamento, que em uma linguagem Kantiana, e não Kentiana, é o noumeno do medicamento, o que domina, comanda, explica e determina o fenomenológico estrigo. É evidente.

Um raciocínio que não se faz, por exemplo: medo das tormentas, é uma forma pessoal que determinada pessoa expressa um sentimento



mais profundo que pode se expressar de outra maneira, aprendemos isso com nossa forma de trabalhar. Temos todo o direito de prescrever Mancinela, a um paciente com medo das tormentas, ainda que Mancinela não figure na rubrica fria e fenomenológica do medo das tormentas. Por quê? Porque Mancinela tem medo ou sensação de estar possuída pelo demônio (delusions – possessed, being) e este sintoma é analógico a medo das tormentas. O experimentador, sensível a Phosphorus, que diz claramente medo das tormentas, está querendo dizer esse medo da sensação demoníaca que Mancinela diz claramente. E nós, presos ao fenômeno exato. Foi isso que a metodologia e nossa maneira de trabalhar nos fez compreender. Creio que é importante, em nosso momento de evolução, que tenhamos em conta no trabalho que começamos agora, que o mais importante é o que temos que manejar agora: se entendi qual o problema de Mancinela, através de certos experimentadores que me permitiram, graças ao esquema referencial, graças a compreensão da enfermidade única e pessoa, entender o drama do verdadeiro paciente Mancinela... Como se apresenta este drama nas pessoas que o expressam de outra maneira e que quer dizer o mesmo? Este é o futuro deste trabalho que fazemos.

No caso em questão, se o paciente diz: “o difícil, o árduo, o duro”. Basta encontrarmos o nómeno. Quem está problematizado pelo difícil, o duro, os obstáculos? Verbascum! Ainda que não tenha os sintomas, é Verbascum. Esse é o famoso gênio do medicamento. O fundamental é que agora temos uma metodologia que nos permite chegar a essa compreensão. Antes não, estávamos no fenômeno, medo das tormentas, estavam os medicamentos onde os experimentadores lhe disseram assim e não com as suas analogias, porém com este trabalho, agora sabemos que temos que estudar as



analogias de medo de tormenta, isto é a chave do que estamos fazendo, é claro que se continua levando adiante o tradicional, graças a Deus, descobrimos tanto. Quando vemos casos clínicos que modificaram, poderíamos dizer, de uma maneira quase que milagrosa, acompanhados por uma mudança de atitude do sofrimento existencial, isto é, na enfermidade individual, e que dá razão a Hahnemann quando dizia que um paciente quando bem atendido pela homeopatia, nos leva a assistir a um novo nascimento desse ser humano. Não eram frases de Hahnemann. Ele tinha visto e nós vemos agora.

Não é só o conhecimento do valor da analogia, é o valor, também do conhecimento real do que é a enfermidade miasmática, do momento miasmático, que modifica totalmente a compreensão do sintoma isolado. Quantos anos nós passamos esperando que se curasse um enfermo ditador, com os 17 remédios que figuram na rubrica Dictatorial? Dictatorial não é um sintoma de uma pessoa, é sintoma de uma atitude, isto é, todos os medicamentos podem ser ditadores, com distintos objetivos, o que quer conseguir com seu ditatorialismo? Se for ditador, não quer dizer que tenha que responder a algum desses 17 medicamentos. Porque não é sintoma de um paciente, é sintoma de uma atitude miasmática. Já avançamos, demos um passo muito importante com esta revisão crítica da homeopatia. O que importa não é se ele é ditador de uma maneira marcante, o que importa é saber o que quer buscar com o seu ditatorialismo. Por exemplo: "Eu quero que os demais sejam efetivos em seu trabalho". Ah! Agora sim, eu gosto mais. Qualquer remédio com sua problemática distinta, profunda, chegando na etapa terciária da psora reativa, pode ser ditador se for egotrófico. Ao invés de



buscamos o egotrófico, temos que buscar o porque da egotrofia, o motivo, o motivo noúmeno.